



A Santa Sé

SOLENIDADE DA VIGÍLIA DE PENTECOSTES

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Sábado, 10 de Junho de 2000

1. "O Advogado que vos mandarei de junto do Pai é o Espírito da Verdade que procede do Pai. Quando Ele vier, dará testemunho de mim" (Jo 15, 26).

Estas são as palavras que o evangelista João hauriu dos lábios de Cristo no Cenáculo, durante a última Ceia, na vigília da Paixão. Hoje elas ressoam-nos com singular intensidade, no Pentecostes deste Ano jubilar, do qual revelam o conteúdo mais profundo.

Para captar esta mensagem essencial, é necessário *permanecer*, como os discípulos, *no Cenáculo*. Por isso a Igreja, graças também a uma oportuna selecção dos textos litúrgicos, *permaneceu no Cenáculo* durante o tempo de Páscoa . E nesta noite a Praça de São Pedro transformou-se num grandioso Cenáculo, no qual a nossa comunidade se encontra congregada para invocar e receber o dom do Espírito Santo.

A primeira Leitura, tirada do Livro dos Actos, recordou-nos aquilo que aconteceu cinquenta dias depois da Páscoa, em Jerusalém. Antes de subir ao Céu, Cristo confiou aos Apóstolos uma tarefa excelsa: "Ide e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei" (Mt 28, 19-20). Ele prometera também que, após a sua partida, teriam recebido "outro Consolador", que lhes ensinaria todas as coisas (cf. Jo 14, 16.26).

Esta promessa realizou-se precisamente no dia do Pentecostes: descendo sobre os Apóstolos, o Espírito deu-lhes a luz e a força necessárias para ensinar as nações, anunciando o Evangelho de Cristo a todos. Desta forma, a Igreja nasceu e vive *na fecunda tensão entre o Cenáculo e o mundo*, entre a oração e o anúncio.

2. Quando prometeu o Espírito Santo, o Senhor Jesus falou d'Ele como do "*Consolador*", do "*Paráclito*", que Ele mandaria de junto do Pai (cf. Jo 15, 26). Falou como do "*Espírito de verdade*", que conduziria a Igreja rumo à verdade íntegra (cf. Jo 16, 13). E especificou que o Espírito Santo

Lhe daria testemunho (cf. *Jo* 15, 26). Porém, acrescentou imediatamente: "Vós também dareis testemunho de mim, porque estais comigo desde o princípio" (*Jo* 15, 27). Agora que no Pentecostes o Espírito desce sobre a comunidade reunida no Cenáculo, tem início este *dúplice testemunho*: do Espírito e dos Apóstolos.

O testemunho do Espírito é por si só *divino*: provém da *profundidade do mistério trinitário*. O testemunho dos Apóstolos é *humano*: na luz da revelação, transmite a sua *experiência de vida ao lado de Jesus*. Lançando os fundamentos da Igreja, *Cristo atribui uma grande importância ao testemunho humano dos Apóstolos*. Ele quer que a Igreja viva da *verdade histórica da sua Encarnação* a fim de que, por obra das testemunhas, nela seja sempre viva e operosa a memória da sua morte na cruz e da sua ressurreição.

3. "*Vós também dareis testemunho de mim*" (*Jo* 15, 27). Animada pelo dom do Espírito, a Igreja sempre sentiu profundamente este compromisso e proclamou com fidelidade a mensagem evangélica em cada tempo e debaixo de todos os céus. Fê-lo no respeito da dignidade dos povos, da sua cultura e das suas tradições. Com efeito, ela sabe bem que a mensagem divina que lhe foi confiada não é inimiga das mais profundas aspirações do homem; pelo contrário, ela foi revelada por Deus para saciar, para além de toda a expectativa, a fome e a sede do coração humano. Exactamente por isso, o Evangelho não deve ser *imposto*, mas *proposto*, porque somente se for aceite livremente e abraçado com amor pode desempenhar a sua eficácia.

Como aconteceu em Jerusalém no primeiro Pentecostes, em cada época as testemunhas de Cristo, repletas do Espírito Santo, sentiram-se impelidas e caminhar rumo ao próximo, para exprimir nas várias línguas as maravilhas realizadas por Deus. É o que continua a acontecer também na nossa época. É o que deseja salientar a *hodierna Jornada jubilar*, dedicada à "*reflexão sobre os deveres dos católicos em relação aos outros: anúncio de Cristo, testemunho e diálogo*".

A reflexão a que somos convidados não pode prescindir de uma consideração em primeiro lugar da obra que o Espírito Santo leva a cabo nos indivíduos e nas comunidades. É o Espírito que distribui as "sementes do Verbo" nos vários costumes e culturas, dispondo as populações das mais diversas regiões a receberem o anúncio evangélico. Esta consciência não pode deixar de suscitar no discípulo de Cristo uma atitude de abertura e de diálogo em relação às pessoas que têm convicções religiosas diferentes. Com efeito, é imperioso colocar-se à escuta de quanto o Espírito pode sugerir também aos "outros". Eles são capazes de oferecer sugestões úteis par chegar a uma compreensão mais aprofundada de quanto o cristão já possui no "*depósito revelado*". Assim, o diálogo poderá abrir-lhe o caminho para um anúncio que se adegue mais às condições pessoais do ouvinte.

4. Contudo, o que permanece decisivo para a eficácia do anúncio é o *testemunho vivido*. Somente o fiel que vive aquilo que professa com os lábios tem esperança de ser escutado. Além disso, deve-se ter em conta o facto de que, às vezes, as circunstâncias não consentem o anúncio explícito de Jesus Cristo como Senhor e Salvador de todos. É então que o testemunho de uma vida respeitosa, casta, desapegada das riquezas e livre diante dos poderes deste mundo, em síntese o testemunho da santidade, não obstante seja oferecido em silêncio, pode revelar toda a

sua força de convicção.

De resto, é claro que a firmeza em ser testemunha de Cristo com a força do Espírito Santo não impede de colaborar *no serviço ao homem*, com as pessoas que pertencem às outras religiões.

Ao contrário, impele-nos a trabalhar juntamente com elas, para o bem da sociedade e a paz no mundo.

No alvorecer do terceiro milénio, os discípulos de Cristo estão plenamente conscientes de que este mundo se apresenta como "um "mapa" de várias religiões" (*Redemptor hominis*, 11). Se os filhos da Igreja souberem permanecer abertos à acção do Espírito Santo, Ele ajudá-los-á a comunicar, de maneira respeitosa em relação às convicções religiosas dos outros, *a única e universal mensagem salvífica de Cristo*.

5. "[Ele] dará testemunho de mim. Vós também dareis testemunho de mim, porque estais comigo desde o princípio" (Jo 15, 26-27). Nestas palavras está contida toda a lógica da Revelação e da fé de que a Igreja vive: o testemunho do Espírito Santo, que brota do profundo do mistério trinitário de Deus, e o testemunho humano dos Apóstolos, ligado à sua experiência histórica de Cristo. *Ambos são necessários*. Aliás, se considerarmos bem, trata-se de *um único testemunho*: é o Espírito que continua a falar aos homens de hoje com a língua e com a vida dos actuais discípulos de Cristo.

No dia em que celebramos o memorial do nascimento da Igreja, queremos expressar a *comovida gratidão a Deus* por este *dúplice*, e em última análise *único* testemunho, que abarca a grande família da Igreja desde o dia do Pentecostes. Queremos agradecer o testemunho da primeira comunidade de Jerusalém que, através das gerações dos mártires e dos confessores, se tornou ao longo dos séculos a herança de inumeráveis homens e mulheres em todo o orbe terrestre.

Encorajada pela memória do primeiro Pentecostes, a Igreja reaviva hoje a expectativa de uma renovada efusão do Espírito Santo. Assídua e concorde na oração com Maria, Mãe de Jesus, ela não cessa de invocar: desça o vosso Espírito, ó Senhor, e renove a face da terra (cf. Sl 104 [103], 30)!

Veni, Sancte Spiritus: vinde, Espírito Santo, fazei arder nos corações dos vossos fiéis o fogo do vosso amor!

Sancte Spiritus, veni!